



Loucos por diálogo: um estudo de programas de rádio realizados por pessoas com transtornos mentais no Estado de São Paulo¹

Irineu GUERRINI JR.²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

Este trabalho é uma síntese dos resultados de uma ampla pesquisa sobre três importantes experiências radiofônicas realizadas no Estado de São Paulo: programas de rádio produzidos por pessoas com transtornos mentais. A primeira delas – provavelmente a primeira em todo o mundo e mais citada do que conhecida – ocorreu na cidade de Santos: trata-se do programa diário *Rádio Tam Tam*, veiculado de 1990 a 1999 em emissoras comerciais daquela cidade. A segunda, que se estende do ano 2000 à atualidade, refere-se ao programa semanal *Maluco Beleza*, que vai ao ar semanalmente pela Rádio Educativa de Campinas, emissora mantida pela prefeitura desse município. A terceira e última foi uma experiência já encerrada que ocorreu na Rádio Cultura de Amparo, também mantida pelo município, com o programa *Papo Cabeça*, uma série de dez programas com uma hora de duração cada, transmitida de 2004 a 2005.

Palavras-chave

Rádio; psiquiatria, Brasil.

1. O contexto: a Reforma Psiquiátrica

Os programas radiofônicos estudados neste trabalho só puderam surgir em épocas recentes, depois da implantação gradual daquilo que ficou conhecido como Reforma Psiquiátrica. O que significa essa expressão?

A internação em hospícios e asilos manicomiais e, conseqüentemente, a exclusão do convívio social das pessoas com transtornos mentais passaram a ser fortemente questionadas no país a partir da década de 70, com o surgimento do movimento conhecido como Reforma Psiquiátrica. Não se tratava apenas de humanizar os hospícios, melhorar o ambiente manicomial ou ampliar o número de profissionais

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Rádio e Mídia Sonora do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.



dessas instituições. A proposta era extinguir *totalmente* os manicômios: em lugar deles, trazer o “louco” de volta ao convívio social e devolver a cidadania aos que passaram anos de suas vidas trancafiados, sofrendo maus tratos e humilhações.

No Brasil e em outros países, o modelo dessa nova proposta vinha de países como a Inglaterra, a França e a Itália, sobressaindo-se este último, com os esforços do médico psiquiatra Franco Basaglia (1924-1980), através do movimento conhecido como Psiquiatria Democrática. O seu líder defendia a idéia de que os hospícios foram construídos para controlar e reprimir trabalhadores que perderam a capacidade de responder aos interesses capitalistas de produção. Ele afirmava que o tratamento imposto por médicos e psiquiatras não passava de uma camisa de força alienante, com a finalidade única de devolver, quando possível, o paciente ao círculo produtivo. Em 1973, a Organização Mundial de Saúde (OMS) credenciou o Serviço Psiquiátrico de Trieste, que Basaglia dirigia, como principal referência mundial para uma reformulação da assistência em saúde mental. Em 1978, as reivindicações desse movimento resultam na aprovação da Lei 180, da Reforma Psiquiátrica Italiana, também conhecida como "Lei Basaglia". (MACHADO, 2005, *passim*)

Numa das vezes em que Basaglia esteve no Brasil, proferiu algumas palestras em São Paulo e no Rio de Janeiro. Elas foram publicadas no livro *Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática – conferências no Brasil*. Os contatos que Basaglia teve com especialistas brasileiros, na Itália e no Brasil, foram muito importantes para as mudanças que ocorreriam posteriormente.

Em 1989, o deputado federal Paulo Delgado apresentou um projeto de lei de sua autoria (3657/89) que previa a extinção gradual dos manicômios e cuja justificativa lembrava a experiência italiana. Houve muitos protestos dos proprietários de hospitais, que organizaram *lobbies* em Brasília. Somente em 2001 um substitutivo menos radical resultou em lei.

De acordo com essa lei, o atendimento clínico e terapêutico deve ser dado, preferencialmente, em centros especializados como, atualmente, os CAPS (Centros de Assistência Psicossocial), que integram o SUS (Sistema Único de Saúde). Os CAPS são serviços de saúde mental abertos, com equipes multidisciplinares.

Pode-se perceber, portanto, que os casos a serem analisados se inserem num movimento muito amplo, que implica transformações sociais, culturais, políticas e jurídicas. Santos foi a primeira cidade, ainda nos anos oitenta, a fechar seu principal hospital psiquiátrico, com 40 anos de existência e quase 700 internos, e a propor um



novo modelo de atendimento a pacientes mentais, incluindo-se o projeto inovador de criação da *Rádio Tam-Tam*, em 1989.

No meu projeto de pesquisa, eu entendia que o lugar para programas de rádio realizados por pacientes mentais eram as emissoras não-comerciais. A grande surpresa na realização deste trabalho foi saber que a *Rádio Tam Tam*, muito provavelmente o primeiro programa de rádio feito por pacientes mentais *em todo o mundo*, foi transmitido por emissoras *comerciais* de Santos durante nove anos. Esse longo período no ar pode ser tomado como prova de que o programa teve grande êxito, e devia dar lucro às emissoras: de outra forma não teria passado, se tanto, de uma experiência passageira, de vida bem curta.

2. A pioneira: a *Rádio Tam Tam*, de Santos

2.1 A Casa de Saúde Anchieta e a intervenção municipal

Muitos são os relatos sobre essa instituição que era conhecida como a “casa de horrores”. O seu nome era usado até para amedrontar crianças. Num depoimento para Arnaldo Jabor, publicado pela *Folha de S. Paulo* de 5 de agosto de 1991, a Dra. Beatriz Moreno Peneda, primeira interventora, lembra:

Quando o PT assumiu a Prefeitura de Santos, constatamos óbitos excessivos no hospício Anchieta. O secretário da Saúde David Capistrano e a prefeita Telma de Souza fizeram uma intervenção nesta entidade particular no dia 3 de maio de 1989. A Casa de Saúde Anchieta tinha lucrativo convênio com o Inamps e aqui reinava o cenário da psiquiatria clássica. Terrível: choques elétricos, solitárias, castigos físicos, com cinco médicos apenas para 583 doentes mentais. O excesso de sedação era tão grande (remédio demais para dopar os loucos e ter menos trabalho) que quando entramos aqui o silêncio era total. Nenhum louco falava. Aos poucos, quando tiramos a dose excessiva, eles iam acordando: ‘Oi...eu sou João’, ‘ei... eu sou Tereza’..., todos falando ao mesmo tempo, encantados com a própria voz” (JABOR, 1991:16)

Começa então, com a intervenção da prefeitura, um trabalho junto aos pacientes do manicômio que era radicalmente diferente do que vinha sendo feito então, e que visava, a longo prazo, eliminar totalmente a instituição do manicômio. Entre as iniciativas tomadas, houve um primeiro contato com Renato Di Renzo, o criador da *Rádio Tam Tam*. A sua entrevista, que me concedeu em Santos, foi fundamental para este trabalho. Ele lembra:



Então o projeto começa a surgir meio que assim: “vamos fazer e acabou”. E as pessoas que foram chamadas naquele período eram pessoas que tinham ido para Trieste [cidade de Franco Basaglia] quer dizer, o modelo era exatamente isso: a desconstrução do hospital, criando pequenos núcleos, mais próximos dos familiares, construindo casas ou repúblicas onde três ou quatro usuários pudessem morar juntos, etc. E foi isso mesmo que começou a acontecer. Dentro do próprio espaço se criou uma casinha para quatro usuárias mais antigas começarem a viver juntas e depois sair....Isso foi em maio de oitenta e nove, e dois meses depois uma psiquiatra da instituição entrou em contato comigo, eu estava morando em São Paulo, eu desenvolvia um trabalho com jovens, com escolas, com fábricas, sempre tendo o teatro como fio condutor, mas na verdade acabava sendo um teatro mais social, porque quando você faz um teatro com os funcionários de uma fábrica, ou os familiares, você traz um tema de fora, ele passa pela vida, pela convivência entre as pessoas. Então era um trabalho de teatro que passava muito pelo sociodrama, passava muito pela convivência entre aquelas pessoas. E a filha dessa psiquiatra tinha feito um trabalho assim, estava num desses grupos. Então essa psiquiatra me liga e pergunta se eu não queria desenvolver esse trabalho dentro desse hospício.³

Di Renzo lembra na entrevista como foi o seu primeiro contato com os pacientes: em vez de ler seus prontuários, como os psiquiatras recomendavam, ele resolveu ter logo um contato direto com eles e formar inicialmente um grupo de teatro. Logo decidiu fazer teatro com os pacientes. Ele descreve vividamente como foram as suas experiências de teatro naquele manicômio. Já estavam a um passo da criação da rádio:

Aí, uma coisa que eu tinha pedido lá atrás, que era um aparelho de som três-em-um, chegou... Quando chegou o aparelho eu perguntei: “que tal fazer uma rádio?” Nós construímos um quadrado com madeirite num canto; tinha sobrado um vidro de uma ala; nós mandamos encaixar; com caixa de ovo fizemos toda a acústica, pintamos tudo, colocamos uma luz vermelha na porta da sala e nesse estúdiozinho pusemos bancadas e o três-em-um. Agora nós vamos saber como é que faz o resto. Precisava de um amplificador para as caixas de som por causa da distância. A Secretaria de Obras me doou fios, uma loja da cidade me doou duas caixas de som. Um microfone era da minha casa. E compramos o amplificador. O som ia para o hospital inteiro. E desse estúdio então a gente lançava a *Rádio Tam Tam*, que entrava no ar às oito horas da manhã e

³ Entrevista com Di Renzo realizada em Santos, no dia 14.05.2008.



fechava às nove da noite. Programas de esporte, qual é a música, etc. Tinha redatores, locutores, cada um tinha um programa de uma hora. O Goulart de Andrade foi entrevistado nessa rádio quando veio a Santos. Isso foi muito rápido, em menos de um mês. Aconteceu um fato importante: uma pessoa perdeu uma carteira na visita. E alguém disse: “vai lá na *Rádio Tam Tam* e anuncia”. E aí foi a coisa mais louca do mundo. Na sala tinha um vitrô que a gente tinha tirado, porque o vidro quebra, corta. Deixamos só no ferro. E ali a gente encontrava de manhã um monte de papezinhos com pedidos de música. Passaram dois ou três minutos, aparece uma mão com uma carteira, com tudo dentro! ⁴

Nessa época, muitos pacientes já estavam voltando para suas casas e sendo tratados ambulatorialmente. Mas a *Rádio Tam Tam* ainda não era um verdadeiro programa de rádio, um programa que fosse transmitido por uma emissora. Esse grande “ensaio” dentro do hospital serviu como inspiração para Di Renzo pensar num programa de rádio propriamente dito. Ele dirige-se então ao diretor do hospital, que responde:

“Você está é louco, imagine se alguém vai de te dar um programa de rádio” E eu disse: “Posso tentar?” Daí eu marquei, na *Rádio Universal* de Santos, que hoje é da Unip, pertencia ao Di Gênio, e sentei lá para conversar. O cara olhou para minha cara e eu disse que precisava de meia hora de programa por dia. Por fim, ele disse: “Tudo bem, meia hora de programa, um mês”. Eu voltei para o hospício, chamei as figuras que eu sabia que falavam, e disse que agora a gente ia fazer um programa numa rádio de verdade. Foi aquele ouriço. Ficamos numa sala alguns dias, ensaiando o que falar. Na época eu dava aulas, convidei alunos que queriam entrar nesse projeto. Dois alunos de 14 anos compareceram, e eu disse que queria que eles fizessem a parte musical do programa. Um outro era muito metido a técnico e logo disse que ia gravar as músicas na sua casa. Ele ficou o responsável pela vinheta, com vários sons ao mesmo tempo. Hoje é fácil fazer isso, mas na época era difícilíssimo, com fita e tal; fizeram umas explosões, os discos todos de vinil, fizeram uma programação musical. ⁵

Assim como havia acontecido com a intervenção da prefeitura na Casa de Saúde Anchieta e os programas de apoio e atendimento aos pacientes que logo foram instalados, a estréia do programa, no dia 5 de novembro de 1990, teve *enorme* divulgação na imprensa local, nacional e até estrangeira, conforme atestam os recortes

⁴ Entrevista com Di Renzo realizada em Santos, no dia 14.05.2008.

⁵ Idem.



que Di Renzo guarda. Ele e alguns participantes do programa estiveram até no Programa do Jô!

Mas é curioso que uma experiência que, merecidamente, obteve tanta divulgação quando do seu lançamento, seja mais citada do que conhecida: os dados reproduzidos neste trabalho foram retirados de matérias obtidas do arquivo da *Folha de S. Paulo* e principalmente da entrevista com Renato Di Renzo e de seu arquivo pessoal.

Respondendo sobre como era o programa propriamente dito, Di Renzo explica que não queria expor demasiadamente os participantes, e que cada um tinha um apelido.

Um deles aparece com o nome de Marcelo Bruno. Eu perguntei por que esse nome. E ele me disse que andava numa praia que só dava surfista, e a metade dos surfistas se chamava Marcelo e a outra, Bruno. Outro que se chamava Everaldo me veio como nome de Billy Paul. Outro ia se chamar Bombástico, porque trazia as notícias. Outro fazia Odontologia na PUC de Campinas; sofreu um acidente e ficou em coma seis meses, tinha uma série de problemas, e acabou sendo paciente psiquiátrico, era filho de juiz e tal, ele queria ser o Alisândrio Clésio, era o repórter de Brasília, na época do Collor. Era um repórter que estava num ângulo especial, ele sempre estava embaixo da rampa do Palácio do Planalto e dizia a cor da calcinha da primeira dama, essas coisas. Então o programa começou a se caracterizar como um teatro que pudesse debochar das próprias personagens de rádio, que pudesse imitar aquelas vozes de rádio, que pudesse falar da cidade... Então estreamos o programa às quatro da tarde e no programa às oito da noite do Boris Casoy estavam noticiando “as ondas da *Rádio Tam Tam*, um programa de loucos”...⁶

Di Renzo conta como era a rotina do programa, se é que havia uma:

Quando chegava quatro horas [imita os sons] “está no ar a *Rádio Tam Tam*, um programa do tamanho da sua loucura”. Era o nosso slogan. “Dezesseis horas e um minuto, estamos entrando no ar, no mar, na sua casa, a loucura está no ar” Então os meninos faziam a sonoplastia rapidinho, corneta, reco-reco, lata, e aí começavam as notícias de Brasília. “Pintinho Ariovaldo, diretamente da Guerra do Golfo”. E o telefone tocou 29 vezes [no primeiro programa]. Nós tínhamos colocado dois telefones na primeira semanas de programa. E aí aquilo ficou uma piração, rock, e não sei mais o quê... E outras coisas fantásticas aconteceram... Eu tive paciente em crise fazendo

⁶ Entrevista com Di Renzo realizada em Santos, no dia 14.05.2008.



rádio, estava internado e saía só para fazer rádio e voltava. Passava o dia inteiro esperando o horário de fazer o programa. Aquilo era a salvação. E nada acontecia durante o programa, muito pelo contrário. Absolutamente nada... E aí começam os shows. Fizemos trezentos e vinte shows pelo Brasil com a rádio... Eu antes de cada viagem tomava o cuidado de verificar o hospício que tinha na cidade, quem era o médico, telefonava antes, etc., Nós lotamos teatros de ter briga na porta para entrar.⁷

O criador do programa explica que tinham que comprar o horário na *Rádio Universal*, onde o programa ficou nos primeiros dois meses. Mas logo receberam um convite da *Rádio Clube de Santos*, onde permaneceram por vários anos, e aumentaram o programa para uma hora diária. (Mais tarde passariam para a *Rádio Cacique*, hoje *Jovem Pan*.) E nessas duas emissoras, não tinham que pagar nada: a audiência do programa era mais que suficiente para que ele se sustentasse comercialmente, com a veiculação de anúncios, e (provavelmente) desse um bom lucro às emissoras. Muitas personalidades foram entrevistadas pelos “locutores”: Fernanda Montenegro, Antônio Fagundes, os integrantes dos Paralamas do Sucesso, e até Lula.

Fizemos com o Lula, quando perdeu as eleições para o Collor, e nós estávamos lá com o gravador ligado, uma pergunta para cada um, agora a *Rádio Tam Tam*, e nós fomos notícia, porque a pergunta do louco foi: “Qual é o calmante que o senhor está tomando?” No dia seguinte todos os jornais deram. Porque o Lula respondeu que estava tomando tal calmante. A rádio foi uma ruptura. Tinha gente mandando fita com vozes porque queria participar do programa, com imitações, etc.⁸

Di Renzo narra muitos outros casos que ocorriam durante o programa, como o de uma senhora que tinha tentado suicidar-se:

Tinha um outro quadro que virou de culinária, porque uma mulher ligou para o programa, dizendo que tinha tentado o suicídio, porque tinha perdido o noivo, e estava no hospital. Os médicos diziam que o seu único prazer era escutar a *Rádio Tam Tam*. Ela ligava, e ficava todo mundo ouvindo, médicos, enfermeiras; na terceira vez que ela tentou o suicídio um dos meninos da *Rádio Tam Tam* disse: “Por que você

⁷ Entrevista com Di Renzo realizada em Santos, no dia 14.05.2008.

⁸ Idem



não vem aqui, trabalhar com a gente?” “Mas eu posso?” “Sim, você vem dar receita de suicídio, porque não funciona!” E aí ela foi e passou a dar receitas culinárias.⁹

Respondendo à pergunta “Por que o programa parou?”, ele explica que hoje em dia as emissoras AM foram tomadas por programações evangélicas, e que não há mais espaço para um programa como a *Rádio Tam Tam*. Mas foi criada e existe até hoje a *Associação Projeto Tam Tam*, com atividades variadas de inclusão social.

3. A experiência de Campinas: o Hospital Cândido Ferreira e o programa *Maluco Beleza*

3.1 Os loucos de Campinas e o Cândido Ferreira

Assim como Santos e sua Casa de Saúde Anchieta, Campinas também ostentava uma história de barbaridades cometidas contra as pessoas com transtornos mentais. Já no início do século XX, elas chegavam a ficar presas no porão da cadeira pública!

Em 1924, é criado o *Hospício de Dementes de Campinas*, idealizado por uma sociedade filantrópica fundada para este fim desde 1917. Na década de 1940, a instituição passa a se chamar Sanatório Dr. Cândido Ferreira. (CARMO-ROLDÃO, MOREIRA, 2005, p. 95) Mas o tratamento desumano continua: camisas de força, eletrochoques, excesso de medicamentos, etc.

Desta forma, as pessoas internadas pelos familiares passavam os dias excluídas e ali envelheciam, sem direitos de cidadãos e sem um tratamento digno, impedidas do convívio social e familiar. Na maioria das vezes, a alta só se dava pela morte do interno. (CARMO-ROLDÃO, MOREIRA, 2005, p. 96).

Em 1990, dá-se uma mudança radical na instituição. O sanatório enfrentava graves problemas financeiros e pede ajuda ao poder público. É firmado, então, um convênio de co-gestão com a prefeitura de Campinas. Já sob a influência do movimento da Reforma Psiquiátrica, grades foram retiradas, portas foram abertas, a camisa de força e o eletrochoque foram abolidos, bem como as punições, as celas fortes e uso indevido de medicamentos. E o nome da instituição foi alterado para *Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira*, que permanece até hoje.

⁹ Idem.



Assim, entre outras iniciativas na área de comunicação, foi criado, em julho de 2000, o programa de rádio *Maluco Beleza*, inicialmente com veiculação mensal na *Rádio Educativa* de Campinas FM, uma emissora pública municipal. Sua programação, se não evita totalmente um caráter “oficial” (programas fixos com prefeito e secretários, por exemplo) é, de fato, muito diferente das programações das emissoras comerciais, e satisfaz ao menos em parte os critérios que definem uma emissora pública,

3.3 O programa *Maluco Beleza*

Maluco Beleza, resultado de parceria entre o *Cândido Ferreira* e a *Rádio Educativa* de Campinas, parte, então, do princípio de que uma emissora que pertence ao poder público deve ter uma programação diferente das emissoras comerciais. A programação das emissoras educativas, ou públicas, deve ser um contraponto aos programas veiculados por aquelas emissoras, dando voz a pessoas ou grupos que em geral não têm espaço nas comerciais, não para tratar de seus problemas de maneira sensacionalista, mas contribuindo para a solução desses problemas, sempre com o compromisso de transformação da sociedade.

Maluco Beleza está no ar desde julho de 2000. A sua criadora, a Prof^a. Ivete Cardoso do Carmo-Roldão, da PUC de Campinas, foi entrevistada por mim naquela cidade no dia 2 de março de 2009 e, a meu pedido, começou falando sobre a origem do programa. Ela conta que quando foi convidada a assumir a direção da *Rádio Educativa* de Campinas, a emissora não tinha sede nem programação. Mas tinha um programa de entrevistas, e um dos convidados foi o diretor do *Cândido Ferreira*. Ela sugeriu que talvez pudessem fazer um programa como a *Rádio Tam Tam*, de Santos. Na hora o diretor ligou para seu assessor de imprensa, Reginaldo Moreira, que tinha sido aluno da professora e a quem Ivete pediu um projeto, que acabou resultando no programa. Vale lembrar que o *Cândido Ferreira* já tinha, e continua tendo, oficinas de comunicação e de outras atividades, como fabricação de papel artesanal, de mosaicos e outras. O *Maluco Beleza* é mais uma dessas oficinas.

Cada programa tem um tema central e é aberto à participação de todos os usuários do *Cândido Ferreira*. Alguns temas já realizados foram: *A luta Antimanicomial, Violência e Saúde, Drogas, Fórum Social Mundial, Guerra, Meio Ambiente, Convívio com as Diferenças e Preconceito*. Cada programa é composto basicamente pelas sessões *Entrevistas*, com especialistas que tenham ligação com o



tema proposto; *Enquetes*, em que pessoas são entrevistadas na rua; *Novos Talentos*, que são uma parte reservada para que os usuários cantem e recitem poesias, *Opinião* (de um usuário), *Depoimento* (também de um usuário), e *Roda da Fofoca* (conversa de dois usuários sobre celebridades). O conteúdo de todas as sessões é decidido por votação. E quais são os benefícios do programa?

Muitos são os benefícios que a comunicação traz aos “Jornalistas do Cândido”. A melhora da auto-estima, a capacitação para falar em público, a maior argumentação, a autonomia para a luta pelos seus direitos, a participação social de forma mais ampliada têm sido notada nos participantes. “Loucutores” que no início do programa não conseguiam nem articular uma frase completa hoje se colocam nas reuniões do Cândido com clareza bem maior. A identidade dos usuários envolvidos no projeto também se tem mostrado de outra forma. Pessoas que ao se apresentar em público diziam ser “pacientes do Cândido Ferreira”, hoje, com orgulho, se apresentam como “repórteres, jornalistas e locutores do *Maluco Beleza*. (CARMO-ROLDÃO, MOREIRA, 2005, p. 103)

4. O Papo-Cabeça, da Rádio Educativa Municipal de Amparo

4.1 A emissora da prefeitura

A *Rádio Educativa Municipal de Amparo* (cidade que fica a 130 quilômetros de São Paulo) é uma das mais antigas emissoras de rádio educativo do Estado de São Paulo. Foi criada em 27 de agosto de 1974, como *Serviço Municipal de Radiodifusão*, mas só entrou no ar em caráter definitivo quatro anos depois (19 de agosto de 1978), com o prefixo ZYD 836. A *Rádio Municipal Cultura de Amparo* (nome original) foi primeira emissora municipal criada no Estado de São Paulo. Como a emissora de Campinas, sua programação é também bastante diferente da de qualquer emissora comercial brasileira, satisfazendo ao menos em parte os requisitos de uma emissora pública.

4.2 Papo Cabeça

A série *Papo Cabeça*, transmitida pela *Rádio Educativa Municipal de Amparo*, de acordo com informação de Cristina Segatto, diretora da emissora na época em que a série foi realizada, constituiu-se de 10 programas com uma hora de duração cada, transmitidos em 2004 e 2005. Segundo Júlio de Paula, editor do programa, a idéia foi



de Juarez Pereira Furtado, colaborador da emissora que mais tarde iria sair de Amparo e trabalhar no Ministério da Saúde em Brasília. Júlio é produtor/diretor de programas da *Cultura FM* de São Paulo, e sua concepção radiofônica é bastante refinada. Segundo ele, era o que Juarez, que conhecia o seu trabalho, desejava. “Não era porque a gente estava trabalhando com não-profissionais e portadores de deficiência que a gente não ia dar mais ou menos o mesmo tratamento”, ele diz.¹⁰ Assim, chegou-se à conclusão que *Papo Cabeça* ia ser diferente dos outros programas que trabalhavam com usuários de serviços de saúde mental, pois estes eram ao vivo ou gravados já editando, isto é, quase como se fossem ao vivo. E de fato, *Papo Cabeça* teve uma montagem muito manipulada e é, das três experiências apresentadas neste trabalho, o programa de concepção mais elaborada, em termos radiofônicos. Claro está que o fato de ser uma série sem periodicidade, que teve apenas 10 programas produzidos em dois anos, possibilitou essa concepção, que privilegia uma estética mais refinada.

A gente não conseguia fazer milagres na montagem. Mas eu tentava deixar o mais limpo possível. Era essa a proposta. Esse limpo às vezes era meio sujo, porque a gente não tinha recursos: se usava cassete para gravar na rua, tinha muito telefone, mas tinha entrevistas bacanas por telefone. Mas esse programa tem muito da Cristina. O mérito é dela. Por exemplo, um programa tinha Dna. Zilda Arns. Tem um que tem o Leonardo Boff. E essas entrevistas eram todas conduzidas por eles. Tinha uma pauta, a Cristina do lado, mas eram eles que conversavam com o entrevistado. Às vezes a Cristina ligava e dizia “fulano não consegue falar”. Eu dizia para ela gravar a mesma frase com três ou quatro pessoas diferentes. Eu faço um coro disso aí. A nossa preocupação era a que tivesse a voz de todos os participantes. O programa, acima de tudo, era feito para eles. Que soasse radiofonicamente para qualquer pessoa que quisesse ouvir, mas que falasse para os integrantes da oficina. Depois dos primeiros [programas], eu não ia mais para lá. O material vinha pelo correio já em CD, eu editava aqui e devolvia.¹¹

Segundo Júlio de Paula, houve dificuldades com outro profissional da equipe, que desejava que o programa fosse num estilo “ao vivo”, e com o envolvimento total dos usuários em todas as fases do processo, mais parecido com o *Maluco Beleza*. Esse profissional acabou saindo, e prevaleceu idéia de um programa mais produzido e bastante manipulado na edição. Júlio conta que alguns integrantes da oficina tinham

¹⁰ Entrevista com Júlio de Paula realizada em 13.01.2009

¹¹ Idem.



dificuldade em falar – não somente ao microfone. Num dia melhoravam, noutro pioravam.

Ao longo da realização dos programas, Júlio afirma que foram identificados alguns “talentos” entre os usuários. Uma mulher gostava de escrever, então a diretora Cristina passou a ela a tarefa de fazer a abertura do programa, uma espécie de editorial. Outro usuário, que faleceu recentemente, tinha mais facilidade para falar. Outro ainda chegou a fazer o curso de locução do Senac. O programa tinha o apoio da Petrobrás e os usuários que participavam dele recebiam uma bolsa. Numa cerimônia oficial de contemplação de projetos sociais por aquela empresa, o “locutor” que fez curso no Senac foi o mestre de cerimônias. Ainda segundo Júlio, a auto-estima de todos os participantes melhorou muito.

O fato de o programa ter uma frequência que em certos períodos não chegava a um por mês, fazia também com que se pudesse trabalhar a sua divulgação individualmente, feita pela própria diretora. Isso rendeu uma matéria na *Folha de S. Paulo* e outra no programa *Vitrine*, da *TV Cultura*.

A pauta era definida em parte pelos usuários, em parte por Cristina e Juarez e por Júlio. Mas a decisão final era dos usuários. Perguntei a Júlio sobre o repertório musical, que me pareceu às vezes bastante sofisticado. Júlio esclareceu que nesse aspecto, ele sugeria números musicais, que os usuários em geral não conheciam, e a decisão final era deles. Mas um ou outro número pode ter sido escolhido pela própria diretora. Se a seleção musical ficasse totalmente por conta dos usuários, seria um repertório bem popular. Se um usuário dissesse que gostava de “música sertaneja”, colocava-se algo do repertório mais tradicional [música caipira, ou de raiz].

Cristina Segatto, diretora da série e da emissora quando da sua realização, lembra:

A rádio era musical e não tinha quase produção. A série durou dois anos. O formato foi uma decisão coletiva. A emissora é elitizada, sofisticada. A gente não podia deixar que o programa entrasse sem uma estética que fosse de acordo com a programação até então. Os ouvintes tinham que ser convencidos de que pessoas com transtornos graves podiam fazer um programa. Os temas foram escolhidos pela equipe, e o peso era igual para todos. E havia recursos para contratar um editor como o Júlio. Os pacientes recebiam uma bolsa um salário mínimo. Quinze pessoas recebiam essa bolsa. Fizemos dois programas ao vivo, sem edição, e foi uma experiência bem diferente. Fiquei muito impressionada, sufocada, ao vivo numa rádio tudo pode acontecer. Nós



enfrentamos e fizemos dois programas ao vivo. Os dois últimos. Ficava uma situação de ficar controlando.¹²

Perguntei a Cristina por que a série foi encerrada. Segundo ela, houve mais de um fator:

Foram várias as razões do cancelamento do programa. Tínhamos o patrocínio da Petrobrás para o projeto e para as bolsas, e esse patrocínio foi encerrado. Depois, a Petrobrás manifestou interesse em renovar. Eu tinha assumido a diretoria, estava muito ocupada fazendo mudanças, e pedi para que outra pessoa refizesse o projeto. Mas as pessoas foram se dispersando. Deixei para outros encaminharem. Os próprios pacientes se desmobilizaram. O próprio grupo se desmotivou. Houve dois falecimentos. O Arnaldo, o locutor oficial, morreu no hospital. Projetos são como filhos. Não se pode deixar a peteca cair. Pegaram o bonde andando e não se envolveram.¹³

Considerações finais

No início de 2009, quando entrevistei usuários do Cândido Ferreira que realizam o programa *Papo Cabeça* em Campinas, não pude deixar de refletir sobre as profundas alterações no tratamento que se tem dado a pessoas com transtornos mentais no decorrer do século passado. Se esses mesmos pacientes tivessem vivido no início do século XX, em vez de estarem produzindo e apresentando um programa de rádio semanal numa emissora de uma cidade importante, poderiam se encontrar presos no porão de numa prisão comum, em condições subumanas, abandonados, sujos, maltrapilhos e doentes – algo que existiu exatamente na mesma cidade. O programa de rádio, que se insere num quadro muitíssimo mais amplo – o da Reforma Psiquiátrica, de importância crescente em alguns países desde os anos setenta – proporcionou-lhes a oportunidade de trabalharem e de se mostrarem para um público de milhares de pessoas. A sua auto-estima, a capacidade de lutar pelos seus direitos e de se inserir como cidadãos na sociedade são benefícios evidentes dessa atividade. Pareceu muito claro o alcance dessa terapia. Como, dos três casos estudados, é o único programa que continua no ar, foi relativamente fácil entrar em contato com os seus próprios realizadores e ouvir deles próprios os benefícios que o programa tem-lhes proporcionado.

Do ponto de vista da emissora, tratando-se de uma rádio educativa, ela está cumprindo um dos papéis que lhe cabe – a de produzir programas de utilidade social,

¹² Entrevista por telefone com Cristina Segatto, realizada em 15.02.2009

¹³ Entrevista por telefone com Cristina Segatto, realizada em 13.01.2009



com uma visão reflexiva, crítica e transformadora, realizando, entre outros, programas que dêem atenção às minorias. Essas minorias, como as pessoas com transtornos mentais, de outro modo não alcançariam a quantidade de pessoas que alcançam, não fosse um programa de rádio.

Do lado dos ouvintes, vale lembrar a observação da então diretora da Rádio Educativa de Campinas, Ivete C. Carmo-Roldão, quando diz que no início os ouvintes estranhavam o programa –“o que é isso, vocês estão ficando loucos?” – mas que quando eram informados das finalidades daquela experiência, acabavam entendendo e gostando.

Mas não se pode deixar de destacar a iniciativa pioneira da *Rádio Tam Tam* de Santos, provavelmente a primeira no mundo. Seus programas eram diários, ao vivo, e permaneceram no ar durante nove anos, sempre em emissoras comerciais – até porque na época Santos não dispunha de nenhuma emissora educativa. Uma reflexão que me ocorreu quando entrevistei seu criador, Renato Di Renzo, é a de que ele pôs em prática o princípio que aparece como subtítulo do livro *Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática*, do pioneiro Franco Basaglia: numa passagem da entrevista que me concedeu, quando diz que, logo nos primeiros contatos que teve em Santos, e contrariando as sugestões dos psiquiatras da Casa de Saúde Anchieta, recusou-se a examinar os prontuários dos pacientes com quem ia trabalhar, tendo preferido partir logo para a ação.

Ainda sobre a experiência de Santos, também segundo Di Renzo, houve uma grande melhora nas condições dos participantes não apenas dos programas de rádio mas de todos os que fizeram parte das atividades teatrais que ele promoveu.

Com relação ao *Papo Cabeça*, é uma experiência que se destaca pela sua qualidade radiofônica, fruto da orientação do seu editor, Júlio de Paula, também professor da Faculdade Cásper Líbero. Mas, segundo a ex-diretora da emissora de Amparo, Cristina Segatto, o programa terminou devido à sua saída e ao pouco empenho das pessoas que deveriam tê-lo continuado.

Finalmente, devo dizer que, ao cabo de vinte e dois meses, tendo tido contato com literatura especializada, diretores de emissoras, realizadores e pessoas com transtornos mentais que produzem programas de rádio, minha própria percepção das questões relacionadas a pacientes mentais e possíveis tratamentos passou por mudanças. Espero que os possíveis leitores deste trabalho possam também, em alguma medida, passar por essa experiência.



Referências bibliográficas

Livros

- BASAGLIA, Franco. **Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática**. São Paulo: Editora Brasil Debates, 1982.
- CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso. *Maluco Beleza: a reinserção social através do rádio*. In Fuser, Bruno (org.) **Comunicação alternativa: cenários e perspectivas**. Campinas: PUC-Campinas / Centro de memória da UNICAMP .

Periódicos

- Folha de S. Paulo, *Projeto Tam Tam democratiza a loucura*, 5 de agosto de 1991, p. 16.

Sites

- Como anda a Reforma Psiquiátrica?* de Kátia Machado, publicado na revista digital **Radis - Comunicação em Saúde**, n. 65, jan.2006. Disponível em www.ensp.fiocruz.br. Acesso em 14.01.2008.